

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**Pereira, Miriam Halpern (Carcavelos, 1937)**

Miriam Halpern Pereira é uma historiadora portuguesa nascida em Carcavelos em 1937 no seio de uma família judaica e plurinacional com componentes culturais diversos na sua formação, a que o estudo da história forneceu um passado ainda mais plural e coletivo. O gosto pela história nasceu cedo, durante o 2.º ciclo do antigo liceu D. Filipa de Lencastre, com a Professora Maria Emília Cordeiro Ferreira e mais tarde com a Professora Maria Lucília Estanco Louro. Realizou os seus estudos secundários em Lisboa e ingressou depois na Faculdade de Letras desta cidade no curso de História e Filosofia, que concluiu em 1962. O ensino universitário, em geral, desiludiu-a pela sua orientação conservadora e desactualização científica. Ainda assim, preparou uma Tese de Licenciatura intitulada *A Crise Económica de 1876*, sob a orientação de Jorge Borges de Macedo. A tese nunca chegou, porém, a ser defendida visto a sua autora ter partido para Paris em 1962 acompanhando o seu marido, o jornalista Carlos Veiga Pereira, obrigado a exilar-se por motivos políticos.

Aí se instalou e viveu durante dez anos, em circunstâncias difíceis sobretudo nos primeiros tempos. No entanto, esta saída de Portugal iria revelar-se uma experiência fundamental para o seu percurso enquanto historiadora. Em Paris frequentou a *École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales*, que lhe abria horizontes académicos novos permitindo-lhe uma acelerada actualização científica tanto através dos professores e historiadores situados entre a escola dos *Annales* e o marxismo, que contactou enquanto estudante e a marcaram, como no acesso que pôde ter a boas bibliotecas e a arquivos bem organizados. Entre esses historiadores contavam-se figuras tão marcantes como Fernand Braudel, Ernest Labrousse, Albert Silbert (de quem continuaria muito próxima mesmo depois do regresso a Portugal) ou Pierre Vilar que viria a ser orientador da sua tese de doutoramento. O doutoramento seria concluído em 1969, sendo a tese defendida na Universidade de Paris I-Sorbonne, na *Faculté de Letres et Sciences Humaines*. Já doutorada, inicia a sua carreira como investigadora no Instituto Marc Bloch da mesma Universidade, ligado ao *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* entre 1970 a 1973. Nesses anos lecciona também na Universidade de Vincennes.

Pouco tempo depois, em 1971, publica em Portugal, na Editora Cosmos, o livro *Livre-Câmbio e desenvolvimento económico Portugal na segunda metade do século XIX*, tradução da tese defendida em



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Paris. O livro ocupava-se do mundo rural e da economia agrária na perspectiva dos problemas do desenvolvimento económico e era claramente inovador, tanto quanto à problemática abordada, como quanto à metodologia utilizada na linha da então recente história económica e social francesa. Um livro com estas características só podia ter um grande impacto nos meios académicos portugueses que, ainda nos anos finais do Estado Novo, continuavam bastante fechados e pouco habituados à inovação. O facto de se ocupar da história de oitocentos, uma época tão esquecida e ignorada por aquele regime, pesou também na sua repercussão. Pelas várias disciplinas que integrava no seu campo de análise, a obra não se limitou a ser usada por historiadores, mas foi-o também por economistas, agrónomos e geógrafos, constando das bibliografias dos programas desses cursos universitários durante vários anos. À época, a publicação foi noticiada e comentada em revistas e jornais por historiadores e não historiadores, chegando a dar origem a debates mais aprofundados como o que teve lugar com o professor de Direito Vital Moreira nas páginas da revista *Vértice*.

Em 1972 regressa a Portugal e, a convite do professor Adérito Sedas Nunes, começa a dar aulas no recém-criado ISCTE em 1973. Sedas Nunes convidara-a anteriormente para publicar um artigo na *Análise Social*, que foi o primeiro publicado no país e era o primeiro capítulo do seu livro. Já no ISCTE, rodeia-se de uma pequena equipa de docentes e investigadores, apostando na difusão do ensino da história naquele Instituto, ajudando a estendê-la como disciplina obrigatória às novas licenciaturas que iam sendo criadas para além das já existentes: Ciências do Trabalho (mais tarde Sociologia) Economia, Gestão de Empresa em que a história era já ensinada mostrando a dinâmica interdisciplinar de que o ISCTE procurou dotar-se desde a sua fundação. À época, a futura Licenciatura em História Moderna e Contemporânea ainda não fora criada.

Com esse pequeno grupo fundaria em 1975 o Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (CEHCP) que desenvolveu uma contínua e profícua actividade sob a sua orientação, organizando colóquios e conferências com professores nacionais e estrangeiros e trazendo pela primeira vez a Portugal historiadores de grande relevo internacional como Eric Hobsbawn, Maurice Agulhon, Albert Silbert, Patrick Joyce, ou Michel Vovelle entre outros. Muito empenhada desde cedo na prática de uma historiografia que ultrapassasse as fronteiras da história nacional defende precocemente uma história comparada de oitocentos, época sobre a qual trabalhavam igualmente outros membros do CEHCP. Esse empenho manifestou-se logo em 1981 com a organização de um grande colóquio Ibérico que tinha por tema O Liberalismo na Península Ibérica na 1ª metade do século XIX. O colóquio, que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian, registaria uma grande e inesperada afluência de público que manifestava o vasto interesse que existia então por esta época que o Estado Novo tinha praticamente excluído do ensino da história mesmo ao nível universitário. O encontro seguia-se a um outro realizado no ano anterior pelo GIS (depois ICS-UL), consagrado também a este século, que tinha já dado um sinal inequívoco do crescimento do interesse por aquele período. A principal diferença residia na dimensão Ibérica e comparativa do colóquio organizado pelo CEHCP que contou com a participação vários historiadores espanhóis e também de outros países.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Vale a pena sublinhar que este Centro, o CEHCP (mais tarde apenas CEHC), foi durante bastantes anos um espaço de investigação dinâmico e produtivo. Para essa dinâmica contribuiu a sua aposta no debate interno, promovendo encontros regulares entre os seus membros em que se debatiam trabalhos historiográficos recentes e também as teses em curso dos doutorandos que o integravam. Entre outras actividades, o CEHC(P) organizou, por sua iniciativa, vários outros encontros internacionais, de que se pode destacar, muitos anos mais tarde, o colóquio luso-brasileiro Linguagens e fronteiras do poder realizado em conjunto com o Centro de Estudos do Oitocentos, do Brasil, que teve lugar em Lisboa em 2010, e que Miriam Halpern Pereira coordenou com o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho. O CEHC(P) foi, além disso, editor de uma colecção de livros que tinha por título Portugal: Estado, Sociedade e Economia onde seriam publicadas obras valiosas referentes sobretudo ao século XIX, contando também com incursões no século XX. Tendo sido o primeiro centro de estudos criado no ISCTE, este viria a extinguir-lo em 2014.

Miriam Halpern Pereira viria a ser também pioneira no interesse e estudo das revoluções liberais em Portugal sublinhando fortemente a sua importância e significado que procurou transmitir e divulgar por várias vias. Uma delas decorreu da necessidade que encontrou de fornecer instrumentos de trabalho aos alunos das unidades curriculares de história das já referidas licenciaturas do ISCTE, cujos programas de História Contemporânea, sob o seu impulso, valorizavam especialmente aquele século. Foi neste quadro que publicou, em 1979, o seu primeiro livro sobre a época com o título de Revolução, Finanças e Dependência Externa. Tratava-se de uma antologia comentada de textos políticos, económicos e jurídicos relativos à instauração do liberalismo, essenciais para compreender o processo de ruptura com o antigo regime. Os textos iam de excertos das três Constituições aos tratados de comércio mais marcantes da época, às mais importantes reformas liberais entre outros capazes de enquadrar os principais acontecimentos da época, indo da revolução de 1820, à revolução de setembro de 1836 à Maria da Fonte e à Patuleia. Aos textos sobre o vintismo, o cartismo e o setembrismo juntaram-se outros sobre o miguelismo abrindo assim, pela primeira vez, no quadro da modernização historiográfica porque o país começara a passar, o campo de análise a todas as forças políticas relevantes daquele período. A obra fora pensada para ser a primeira de uma trilogia intitulada Portugal no século XIX de que, no entanto, só veio a ser publicado o terceiro volume Origens do Colonialismo Português Moderno, de Valentim Alexandre. O novo livro de Miriam Halpern Pereira voltou a ter grande sucesso no meio universitário, na medida em que esta compilação de textos comentada sobre as revoluções liberais e dirigida aos estudantes punha também à disposição dos investigadores uma ferramenta de fácil acesso a quem trabalhava ou pretendia trabalhar sobre a primeira metade do século XIX em Portugal. Pouco depois, Miriam Halpern Pereira desafiou os seus mais próximos colaboradores para um novo projecto: a criação de uma revista científica de história, aberta à interdisciplinariedade e com um enfoque internacional. O projecto concretizou-se em 1983 com a publicação do primeiro número da revista Ler História, de que foi directora até 2008. Virada sobretudo para história moderna e contemporânea, a Ler História publicou, ao longo de muitos anos, historiadores referenciais, tanto portugueses como estrangeiros, e também jovens



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

historiadores, muitos dos quais ali iniciaram o seu percurso historiográfico. Fê-lo sem descurar a sua vocação interdisciplinar original, apoiada sobretudo no diálogo com a antropologia, promovido por um antropólogo do ISCTE, Raúl Iturra, que integrou o seu conselho redactorial desde o primeiro número. A revista publicou-se ininterruptamente de 1983 até 2023, ano em que se celebraram os seus 40 anos de existência, continuando a publicar-se a bom ritmo.

Nos anos 80, enquanto investigadora, Miriam Halpern Pereira lançou-se também no ambicioso projecto de reunir e compilar os manuscritos e intervenções parlamentares de Mouzinho da Silveira (de quem, na senda de Alexandre Herculano, considerava fundamental a legislação para a ruptura com o antigo regime e definição de um novo) e de boa parte dos seus éditos e inéditos, encetando assim, com Magda Pinheiro e Valentim Alexandre, um trabalho de investigação de largo fôlego com uma equipa de pesquisadores e paleógrafos. Deste projeto resultaram dois grandes volumes perfazendo mais de 900 páginas, editados em 1989 pela Fundação Calouste Gulbenkian com estudos introdutórios seus e dos dois mencionados historiadores. Na sua apresentação, Miriam Halpern Pereira escreveu que a obra de Mouzinho da Silveira então publicada reunia “alguns dos seus mais importantes escritos políticos de reflexão e intervenção, assim como os seus discursos parlamentares, de cuja leitura poderá colher-se uma ideia concreta da modernidade do seu pensamento jurídico e político”. O livro tornou-se um instrumento indispensável para quem estuda a primeira metade de oitocentos e o reformismo liberal.

Ao longo deste trabalho de grande fôlego historiográfico e arquivístico, o seu interesse pelo complexo problema dos arquivos de história contemporânea em Portugal cresceu e levou-a a tentar pôr à disposição dos investigadores instrumentos que os pudessem orientar no caminho, à época labiríntico, desses mesmos arquivos. Nesse sentido, publicou, com Maria José Silva Leal, sob a égide de Joel Serrão, o Roteiro de Fontes da História Portuguesa Contemporânea (3 volumes, INIC, 1985), que constituiu durante anos a principal bússola para essa orientação.

No final dos anos 80 e início dos anos 90 lançaria ainda mais um outro importante projecto colectivo financiado desta vez pela JNICT, intitulado A Crise do Antigo Regime e as Cortes Constituintes de 1821-1822, na esteira do que Albert Sibert fizera em relação à Comissão da Agricultura das Cortes em Le problème agricole portugais au temps des premières “Cortès” libérales. O seu objectivo era estudar e publicar uma selecção de petições enviadas para outras cinco Comissões das Cortes, da Comissão das Artes e Ofícios, à da Fazenda e da Justiça Civil, passando pela Comissão da Saúde Pública. Ao longo da pesquisa, o objectivo alargou-se passando também a incluir alguns dos muitos projectos e memórias enviados às Cortes, incluindo sobre matéria constitucional, que forneciam uma visão mais completa da expectativa e vontade de participação na vida pública que acompanhou a revolução de 1820 e a reunião do “Soberano Congresso”. Deste projecto resultou a publicação em 1992 pelo CEHCP e pelas Edições João Sá da Costa de cinco livros um dos quais de sua autoria.

Estes seus trabalhos e outros que lhes seguiram e sobretudo o vasto conhecimento que possuía dos arquivos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e da sua precária situação e difícil acesso, espelhado no Roteiro das Fontes de História Contemporânea, bem como nas suas múltiplas intervenções públicas alertando para a necessidade de preservação e organização dos arquivos de história contemporânea, estiveram na origem da sua nomeação para Directora-Geral do Arquivos Nacionais/Torre do Tombo tendo sido, em Portugal, a primeira mulher a ocupar este cargo (2001-2004). Do seu desempenho cabe sublinhar a importância que atribuiu aos acervos documentais de história contemporânea, geralmente secundarizados em favor dos relacionados com a história moderna e medieval, e à incorporação no arquivo nacional de importantes fundos que se encontravam dispersos, além da publicação do 1º diagnóstico de alguns dos arquivos intermédios da função pública e o 1º plano de digitalização.

Em 2009, pouco depois da sua aposentação, celebrando a sua carreira de historiadora, foi publicado o livro *Desenvolvimento económico e mudança social. Portugal nos últimos dois séculos: homenagem a Miriam Halpern Pereira*. A obra contou com um amplo leque de participantes de diversas universidades e tendências historiográficas e foi organizada a partir de alguns dos temas sobre os quais mais trabalhou e produziu: “Economia e políticas económicas”, “Crescimento Urbano e Mudanças Sociais”, “Emigração e movimentos migratórios”, “Mudança Política e Institucional”, “Conceitos, arquivos, historiografia”, onde estão desenhados quatro dos seus temas de eleição e em que cabe sublinhar importantes linhas de continuidade. Estão nesta categoria os estudos sobre emigração, que prosseguiu durante quase toda a sua carreira, os trabalhos sobre a economia portuguesa, em particular sobre o desenvolvimento económico que também a interessaram sempre, a historiografia, além dos arquivos, e estudos sobre os projectos e políticas e sociais dos liberalismos de onde emerge um profundo interesse pelo associativismo e o mutualismo associados à “questão social” e às origens do Estado Providência. E também o complexo problema da cidadania, quase sempre presente nas suas obras sobre o liberalismo e a 1ª República orientadas para a história social. Os seus estudos no universo da história económica do século XIX foram por vezes objecto de críticas, em registo polémico, por parte de alguns dos seus pares, a que foi respondendo em obras subsequentes. Tal não obsteu a que, mais tarde, em 2005, viesse a ser homenageada pelo Congresso da APHES, tendo alguns desses mesmos críticos colaborado também no já referido livro de homenagem que lhe foi consagrado em 2009.

Depois da sua jubilação e da sua elevação a Professora Catedrática Emérita do ISCTE-IUL, continuou cientificamente muito activa publicando vários livros e artigos alguns dos quais ultrapassaram cronologicamente o século XIX, como trabalhos anteriores já indicavam, como foi o caso da obra *A Primeira República. Na fronteira do liberalismo e da democracia* (2016). Continuou a participar em encontros nacionais e internacionais, privilegiando as suas bem enraizadas relações com a Espanha, e com o Brasil.

Em 2018/19 abraçou ainda um novo e muito ambicioso projecto: o da comemoração do bicentenário da revolução de 1820, que coordenou com colegas de várias universidades portuguesas. Esta comemoração viria a cifrar-se num importante Congresso Internacional que contou com grande participação de historiadores de vários países, sublinhando assim a dimensão supranacional deste processo e integrando-o no vasto



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

contexto das revoluções mediterrânicas e atlânticas daqueles anos. Pensado para se realizar em 2020, em consequência das restrições resultantes da pandemia de Covid 19 o Congresso realizar-se-ia em 2022. Uma selecção criteriosa de textos de algumas das comunicações ali apresentadas foi publicada em livro, no ano seguinte, com o título de A Revolução de 1820. Leituras e impactos.

Professora no ISCTE durante várias décadas e orientadora de múltiplas teses de mestrado e doutoramento, várias gerações de estudantes puderam testemunhar o seu rigor e exigência e também o seu vasto conhecimento e larguesa de horizontes científicos. Estes últimos podem testemunhar também que nunca lhes foram impostos temas de uma agenda historiográfica prévia. Miriam Halpern Pereira mostrou-se sempre aberta a temáticas e perspectivas distintas das suas áreas de interesse desde que as propostas lhe parecessem significativas e coerentes. Não terá, por isso, criado uma “escola”, no sentido mais clássico do termo, marcada pela afinidade de temas e interpretações, mas sim por uma prática exigente, de permanente actualização científica, curiosidade e imaginação historiográfica.

Nos cinquenta anos da publicação de Livre-câmbio e Desenvolvimento Económico: Portugal na segunda metade do século XIX, tido como um marco na historiografia portuguesa, a Biblioteca Nacional de Portugal assinalaria a data em 2021 consagrando-lhe uma exposição. Pelo seu percurso, foi distinguida em 2016 com a Medalha de Mérito Científico pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. A 26 de Janeiro de 2023 foi condecorada com a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique. Tem no prelo O Seculo do liberalismo, as suas obras escolhidas, a publicar em 2024 pela Fundação Calouste Gulbenkian.

**Bibliografia activa:** Livre - câmbio e desenvolvimento económico na segunda metade do século XIX, Lisboa, Edições Cosmos, 1972. Reeditado pelas Edições Sá da Costa, 1983; Revolução, finanças e dependência externa, Lisboa, Sá da Costa, 1979; A política portuguesa de emigração (1850-1930), A Regra do Jogo, 1981; Roteiro de fontes da história contemporânea portuguesa, 3 vols., Arquivo Nacional da Torre do Tombo, INIC, 1985 (com Maria José Silva Leal); Obras de Mouzinho da Silveira (dir.) 2 vols, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1989; Negociantes e fabricantes entre velhas e novas instituições (1822), Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1992 (1º vol. de A crise do Antigo Regime e as Cortes Constituintes, (org, 5 vols.); Das revoluções Liberais ao Estado Novo, Lisboa, Ed. Presença, 1993; Diversidade e Assimetrias. Portugal nos séculos XIX e XX, Lisboa, ICS, 2001; O Gosto pela História, Lisboa, ICS, 2010; Do Estado Liberal ao Estado Providência, São Paulo, EDUSC, 2011; Linguagens e fronteiras do poder [org. et al.], Lisboa, Centro de História Contemporânea, 2012; A Primeira República na fronteira entre o liberalismo e a democracia, 2016. 3ª edição 2019; A Revolução de 1820. Leituras e Impactos (org.), Lisboa, ICS, 2022.

**Bibliografia passiva:** António Hespanha, “Uma mulher de armas e letras”, História, Maio 2005, 76; Luís



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Cardoso, Discurso em Homenagem no Congresso da APHES, 2005, 18 de Novembro, Évora, online; Eloy Fernández Clemente, «Miriam Halpern Pereira. Perfil de una historiadora portuguesa» in *Ayer*, 82, 2011, (2), 241-257, Madrid; Desenvolvimento económico e mudança social. Portugal nos últimos dois séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira org. José Vicente Serrão, Magda Avelar Pinheiro, Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, ICS, Lisboa, 2009.

Fátima Sá e Melo Ferreira